

“Eles também não tinham nada”: narrativas orais de deslocamentos e encontros identitários em Entre Rios (Guarapuava – PR)^{*}

*Méri Frotscher^{**}*

*Marcos Nestor Stein^{**}*

*Beatriz Anselmo Olinto^{***}*

Resumo. O artigo aborda narrativas orais de moradores do distrito de Entre Rios, localizado no município de Guarapuava, Paraná. No início da década de 1950, ali surgiu a colônia de Entre Rios, a partir da fixação de aproximadamente 2.500 pessoas, que se identificam como suábios do Danúbio, que emigraram para o Brasil na condição de refugiados da Segunda Guerra Mundial. Além dos imigrantes e seus descendentes, o distrito é habitado por não suábios. O foco central da análise é as formas como moradores, imigrantes e não imigrantes narram suas vidas, bem como as sociabilidades entre os moradores do distrito e as identificações presentes em suas narrativas.

Palavras-chave: Colônia Entre Rios; História oral; Identificações; Suábios do Danúbio.

“They also didn’t have anything”: Oral narratives of displacement and identity encounters in Entre Rios (Guarapuava PR Brazil)

Abstract. Oral narratives by the inhabitants of the district of Entre Rios in the municipality of Guarapuava PR Brazil, are provided and discussed. The Entre Rios settlement, with approximately 2500 people, was formed in the 1950s. The inhabitants identified themselves as Suabians of the Danube who migrated to Brazil as refugees after World War II. Besides immigrants and their offspring, the district is also inhabited by non-Suabians. Current analysis focuses on the life-narratives of migrants or non-migrants, the social events celebrated among the inhabitants and the identifications in the narratives.

Keywords: Entre Rios settlement; Oral history; Identifications; Suabians of the Danube.

* Artigo recebido em 13/11/2014. Aprovado em 11/12/2014. Pesquisa financiada pelo CNPq.

** Doutores em História pela UFSC, Florianópolis/SC. Brasil. Professores do PPGH da Unioeste, Marechal Cândido Rondon/PR, Brasil. E-mail: merikramer@hotmail.com; mancha36@hotmail.com

*** Doutora em História pela UFSC, Florianópolis/SC. Brasil. Professores do PPGH da Unicentro, Guarapuava/PR, Brasil. E-mail: bialinto@hotmail.com

“Ellos tampoco tenían nada”: narrativas orales de los desplazamientos y encuentros identitarios en Entre Ríos (Guarapuava, Estado de Paraná)

Resumen. El artículo aborda narrativas orales de vecinos del distrito de Entre Ríos, ubicado en el municipio de Guarapuava (Paraná). La colonia de Entre Ríos surgió a comienzos de la década de 1950, con la radicación de alrededor de 2.500 personas identificadas como suabios del Danubio, que inmigraron en Brasil como refugiados de la Segunda Guerra Mundial. Además de los inmigrantes y de sus descendientes, el distrito es habitado por personas de otros orígenes. El objetivo de este análisis es analizar las formas utilizadas por los vecinos del lugar para narrar sus vidas, así como las sociabilidades entre los mismos y las identificaciones presentes en sus narrativas.

Palabras Clave: Colonia Entre Ríos; Historia Oral; Identificaciones; Suabios del Danubio.

Introdução¹

Esses alemão, eu vi como eles chegaram aqui, cada um com uma mala na mão. (...) Assim era, eles também não tinham nada, não era fácil a vida dos alemão. Esses os velhos, que já morreram, trabalharam muito! Agora esses novo não (SIQUEIRA, 2012).

Fiz cidadania brasileira – ah, a gente tem que ser alguém... [senão] você anda perambulando no mundo sem ser ninguém né? (HECH, 2012).

As falas acima de moradores do distrito de Entre Rios, pertencente ao município de Guarapuava, centro-sul do Estado do Paraná, indicam uma reflexão sobre os processos relacionais de identificação, objetos do presente artigo. Trata-se de uma análise vinculada a um projeto que, por meio de pesquisa documental e da produção de entrevistas de história de vida, investigou narrativas sobre migrações e deslocamentos, sociabilidades e identificações entre os moradores desta localidade.

¹ Este texto é um dos resultados da pesquisa intitulada *Deslocamentos e (des)encontros: refugiados da Segunda Guerra Mundial e “brasileiros” em Guarapuava-PR*. A pesquisa é financiada pelo CNPq (Processo n. 400774/2011-9).

A gênese da colônia de Entre Rios está vinculada à chegada, em 1951, de aproximadamente 2.500 refugiados da Segunda Guerra Mundial, que se identificam como suábios do Danúbio,² oriundos da Hungria, Romênia e Iugoslávia, os quais se encontravam desde o final do conflito em campos de refugiados na Áustria. A vinda e a fixação do grupo³ em Guarapuava foram patrocinadas pelos governos brasileiro e paranaense, bem como por órgãos de ajuda humanitária, em especial a “Ajuda Suíça à Europa” (*Schweizer Europahilfe*).

O distrito, também denominado por moradores de Guarapuava de “colônia Entre Rios”, é constituído por cinco vilas: Vitória (sede do distrito), Jordãozinho, Cachoeira, Samambaia e Socorro. A área onde a colônia de Entre Rios foi constituída totalizava cerca de 22.000 hectares e era ocupada por fazendas - cuja atividade era a pecuária extensiva - que foram desapropriadas pelo governo do Paraná por meio do Decreto nº 1229, de 18 de maio de 1951, e vendida para a Cooperativa Agrária Ltda, fundada pelos imigrantes (STEIN, 2011, p. 61). Com relação às formas de pagamento, Elfes afirma que além do valor pago por hectare (CR\$ 520,00), os antigos proprietários recebiam uma indenização de CR\$ 100,00 por árvore, que poderia ser paga em dinheiro ou na forma de áreas de terras no norte do Paraná (ELFES, 1971, p. 46-47).

Além de reivindicar mais rapidez no processo de pagamento pela venda das fazendas e na concessão das áreas, Antônio Lustosa de Oliveira, proprietário de uma das fazendas desapropriadas e deputado estadual entre 1951 e 1958, apresentou um projeto de lei que visava conceder terras para as “cerca de trinta a quarenta famílias de caboclos brasileiros” (OLIVEIRA, 1954, p.134) que viviam como agregados nas referidas fazendas. Tratava-se, segundo o memorialista Sebastião Meira Martins (1992), de descendentes de ex-

² Essa denominação foi criada no início da década de 1920 pelos geógrafos Robert Sieger e Hermann Rüdiger para designar os imigrantes e seus descendentes, oriundos de vários reinos alemães que no século XVIII se fixaram no sudeste europeu (SCHERER, 1964).

³ O grupo chegou ao Brasil entre 1951 e 1954, em sete etapas. Nas listas de passageiros dos navios, os suábios são classificados como apátridas.

escravos.⁴ O projeto foi aprovado, transformando-se na Lei nº 962, de 17 de outubro de 1952. Em seu artigo 1º, autorizava o Estado do Paraná a conceder 25 hectares na Colônia Marquinho, no município de Guarapuava, para a fixação dos agregados. No entanto, a lei não foi implementada dessa forma, pois em um discurso pronunciado em sessão ocorrida no dia 03 de agosto de 1955, o então deputado voltou a revindicar o cumprimento da referida lei (OLIVEIRA, 1958, p. 97-101).

Em um artigo publicado no ano de 1991, Oliveira afirma que a lei foi assinada pelo governador Bento Munhoz da Rocha, e concedia “dez alqueires para cada agregado chefe de família na encosta do rio Piquiri, na divisa do município de Pitanga.” Neste texto, o ex-deputado detalha que a “terra era boa inclusive para café, mas a maioria vendeu” (OLIVEIRA, 1991, p. 22). A afirmação de que tais terras eram propícias para o plantio do café pode ser questionada, pois se trata de uma área com topografia íngreme e localizada em uma região em que ocorrem frequentes geadas durante o inverno.

Apesar do projeto citado acima, que previa a concessão de terras aos trabalhadores das fazendas desapropriadas, cabe informar que Entre Rios foi e é um espaço onde vivem não somente os suábios do Danúbio, mas também um grande número de não imigrantes ou seus descendentes. Em um estudo sobre as relações interétnicas na localidade, publicado em 1963, Cecília Maria Vieira Helm e Henrique Pedro Zimmermann observaram a presença de trabalhadores temporários nas terras de suábios do Danúbio, cujos filhos frequentavam as escolas na colônia. Albert Elfes, em uma publicação referente ao 20º aniversário da localidade, afirma que desde o início de Entre Rios, brasileiros eram contratados como trabalhadores na indústria madeireira, na

⁴ Nas palavras de Sebastião Meira Martins, escritor e proprietário de uma fazenda vizinha de Entre Rios, “[...] desde que a Cooperativa Central adquiriu as fazendas de Entre Rios, aproximadamente 40 famílias de descendentes de ex-escravos ficaram desabrigadas, pois, viviam estas sob a proteção e amparo dos proprietários das fazendas, que cediam alguns alqueires de terra para aqueles cultivarem para si” (MARTINS, 1992, p. 72).

lavrou, como operadores de máquinas e na construção civil (1971, p. 62-63). Elfes estimou em 1971 que esse grupo seria composto por aproximadamente 2.000 pessoas.

Elfes também cita os trabalhadores temporários, cuja presença é narrada da seguinte maneira:

Para os operários temporários, notadamente, existe ainda um grave problema social: fora das fases de trabalho, quase não encontram serviço dentro da Colônia, ou nas redondezas. Assim sendo, vivem, parcialmente, em favelas nas regiões marginais e nas matas adjacentes à Colônia, onde lavram pequena parte de terra que lhes é concedida, com métodos os mais primitivos, esperando serem readmitidos no preparo do solo ou na safra (ELFES, 1971, p. 63).

Com relação aos imigrantes suábios do Danúbio, de acordo com Elfes (1971), já nos primeiros anos houve a saída de muitos da colônia, muitos emigrando para a Alemanha ou migrando para cidades como São Paulo e Curitiba. O êxodo era motivado especialmente pelas péssimas safras, parcelamento das propriedades, conflitos entre os suábios e o “medo do comunismo – do qual haviam fugido da Europa”⁵ (ELFES, 1971, p. 54-60).

A partir da segunda metade da década de 1960, a Cooperativa Agrária desenvolveu ações como o arrendamento e aquisição de áreas de terras, que foram distribuídas entre os suábios, bem como o grande aumento da produção de trigo, soja, milho e cevada. Neste processo, foram de grande importância as doações de máquinas e recursos da República Federal da Alemanha e os financiamentos subsidiados pelo governo brasileiro (STEIN, 2011, p. 158-161). A ação da cooperativa incluiu também a ampliação do parque industrial, no

⁵ Até o início de 1952, as terras eram trabalhadas coletivamente, sob a coordenação da Cooperativa Agrária, o que, de acordo com Elfes (1971), desagradava os colonos. Nas palavras desse autor, “foi justamente por esta “comunização” do trabalho que os colonos fugiram da sua antiga pátria” (ELFES, 1971, p. 54). Segundo Hochgatterer (1986), posteriormente, no início de 1960, os conflitos rurais ocorridos em diversas regiões do Brasil, durante os governos de Jânio Quadros e João Goulart, teriam causando apreensão entre os proprietários de terras na colônia de Entre Rios.

qual se destaca a Agromalte S.A., criada no início da década de 1980 por meio de acordo com a Cia. Antártica Paulista. Em 1989, a Agromalte tornou-se a maior maltaria da América do Sul (KOHLHEPP, 1991, p. 136-137).

Nesse contexto, vieram e se fixaram, em Entre Rios, pessoas provenientes da região e de outras partes do Brasil. Gerd Kohlhepp, geógrafo alemão, em um estudo intitulado “Espaço e Etnia,” publicado em 1991, apresenta os seguintes dados acerca desse processo:

A crescente importância da cooperativa como fornecedora de empregos, em 1980 quase 1.000, a contratação de trabalhadores rurais, assim como a de empregadas domésticas, levaram a um forte influxo de população luso-brasileira a Entre Rios. Hoje a população de não-suábios do Danúbio deve estar acima de 10.000 habitantes. Uma vez que não existem planos-diretores fixos para os povoados, também ocorreu o assentamento de mão-de-obra luso-brasileira em casebres de madeira na periferia dos povoados, no local em que antes ficavam as malhadas. Para evitar o perigo da formação de favelas a cooperativa ergueu, nos limites meridionais de Vitória, em frente ao bairro industrial, uma vila operária equipada com escola, igreja e centro social. Como o influxo de população deve continuar, mesmo sem a criação de novos empregos, é de se esperar que ocorra um adensamento da área construída e um aumento do potencial de conflitos, que – devido às enormes disparidades sociais – poderá se transformar em um dos mais difíceis problemas a serem solucionados (KOHLHEPP, 1991, p. 136-138).

No fragmento acima, os membros da população não suábica, denominados luso-brasileiros, aparecem como um influxo de mão de obra doméstica e industrial. Cabe informar que, além da vila operária, citada por Kohlhepp, na década de 1980, na vila Vitória, há a formação de mais um bairro habitado por não suábios, que passou a ser conhecido pelos imigrantes e seus descendentes de “vila dos brasileiros”. O bairro foi constituído a partir do parcelamento e venda de lotes de duas áreas de propriedade de suábios do Danúbio.

O geógrafo também advertia para o aumento do “potencial de conflitos” em Entre Rios, pois previa o crescimento do influxo de “luso-

brasileiros” e a falta de empregos para todos. Essa previsão aparece no item intitulado “Integração ou Segregação”, em que Kohlhepp faz uma avaliação acerca das relações entre a população suábica e os não suábios:

O sucesso econômico em uma situação de concorrência e a homogeneidade étnica são, sem dúvida, dados a gerar acusações de segregação e a promover a inveja social, ainda mais quando o desenvolvimento foi facilitado por impulsos externos. Mas o que ocorreu não foi somente uma integração econômica perfeita e efeitos de irradiação positivos para o centro urbano de Guarapuava e em âmbito supra-regional. Houve também sucessos decisivos no campo da integração sócio-cultural. A consciência da tradição e a preservação da herança não devem ser confundidos com falta de vontade para a integração social. A segregação espacial está sendo reduzida cada vez mais pelo afluxo de população luso-brasileira, o que, por outro lado, deixa as diferenças sociais bem nítidas. A disposição para a integração de grupos de imigrantes e seus descendentes é, na sociedade brasileira, medida bem mais pelo comportamento deste grupo frente a outros grupos étnicos do que frente a extratos sociais subprivilegiados. Os suábios do Danúbio precisam tentar satisfazer a ambos os níveis, na sua tentativa de dar forma ao seu espaço social e eliminar as disparidades sociais (KOHLHEPP, 1991, p. 138).

No trecho acima, Kohlhepp constrói uma imagem de Entre Rios como um espaço de vivência cujos habitantes são classificados etnicamente: os suábios do Danúbio e os luso-brasileiros.⁶ O geógrafo não apresenta os critérios utilizados para homogeneizar os membros dos respectivos grupos nestas duas categorias e marcar as diferenças étnicas entre eles. É pertinente lembrar que os suábios do Danúbio, muito embora marcassem e marquem uma mesma origem étnica alemã, eram oriundos de diferentes países – Iugoslávia, Romênia e Hungria –, comunicavam-se por meio de diferentes dialetos, professavam diferentes religiões – a maioria é católica, mas também há luteranos e nazarenos.

⁶ Para uma discussão sobre critérios de marcação de identidades étnicas, ver o livro de Poutignat e Streiff-Fenart (1998).

Outro aspecto presente no texto de Kohlhepp é a noção de que haveria uma segregação na localidade, caracterizada em dois níveis: o espacial e o econômico. Para Kohlhepp, o primeiro estaria sendo extinto em função da chegada de mais contingentes de luso-brasileiros. Já a segregação relacionada à diferença econômica, a qual provocaria a inveja por parte dos luso-brasileiros, deveria ser objeto de ações por parte dos suábios do Danúbio, visando a eliminação das disparidades sociais. Ou seja, para ele, os suábios é que deveriam proporcionar aos grupos de “luso-brasileiros subprivilegiados” condições para que melhorem de vida.

Na sequência, Kohlhepp afirma que esse processo de integração entre os luso-brasileiros e os suábios já estaria em andamento:

o que ocorreu não foi somente uma integração econômica perfeita e efeitos de irradiação positivos para o centro urbano de Guarapuava e, em âmbito supra-regional. Houve também sucessos decisivos no campo da integração sócio-cultural. A consciência da tradição e a preservação da herança cultural não devem ser confundidos com falta de vontade para a integração social (KOHLHELPP, 1991, p. 138).

Embora afirme que houve integração econômica, social e cultural entre os dois grupos – sem, no entanto, apresentar detalhes sobre esse processo – percebe-se, nas palavras finais do fragmento, que Kohlhepp valoriza a manutenção de uma consciência étnica entre os suábios. A leitura do trecho sugere que os dois grupos seriam rios que se encontram naquele espaço geográfico – acentuando que os suábios teriam contribuído para o desenvolvimento de Guarapuava – mas suas águas não se misturam, pois os suábios continuariam sendo um grupo étnico/cultural homogêneo. Ou seja, muito embora o geógrafo julgue importante que se efetive nesse espaço uma integração social, ele atribui a importância para a preservação da herança cultural entre os suábios do Danúbio, pois as entende como um elemento que garantiria o desenvolvimento econômico de Entre Rios.

Narrativas, encontros e identificações

Semelhante ao texto de Kohlhepp, outras publicações sobre Entre Rios abordam temas relacionados à imigração dos suábios para o Brasil, aos primeiros anos em Guarapuava, às crises financeiras, ao desenvolvimento agrícola e industrial, sempre focalizando a população suábia danubiana.⁷

Uma das exceções é o livro do memorialista e proprietário de uma fazenda vizinha de Entre Rios, Sebastião Meira Martins, *Pioneiros do Vale do Entre Rios*, que desenvolveu um contradiscurso à história local narrada pelos suábios do Danúbio. O autor se dedicou à história de Entre Rios anterior à chegada dos imigrantes e nomeia os proprietários das sesmarias ocupadas no século XIX como “pioneiros” daquela localidade, identificação em geral associada aos imigrantes em suas publicações. No livro, ainda, a desapropriação das fazendas para a fundação da colônia, em 1951, é representada como “expropriação” (MARTINS, 1992, p. 15).

Outra publicação que merece ser mencionada, em razão da forma como aborda a presença de população não suábia em Entre Rios, é o livro ilustrado intitulado *Donauschwaben in Brasilien* (Suábios do Danúbio no Brasil). O livro foi publicado por dois alemães na Alemanha, em 1982, com apoio da Cooperativa Agrária. Na parte intitulada *Die altbrasilianische Bevölkerung* (A Antiga População Brasileira), os autores sublinham diferenças entre os suábios e a população brasileira que havia se instalado na colônia. Além do texto descritivo, a narrativa é constituída por um poema e cinco ilustrações (aquarelas e

⁷ Em 1952, o pastor Wilhelm Fugmann publicou no Almanaque Wille Kalender, editado em Blumenau, Santa Catarina, um pequeno texto intitulado “*Die Donauschwaben in Paraná*” (Os suábios do Danúbio no Paraná) (FUGMANN, 1952, p. 203-204). O primeiro livro sobre Entre Rios data de 1958. Seu autor, Max Frösch, atuou na localidade como membro da *Schweizer Europahilfe* (FRÖSCH, 1958). Por ocasião das comemorações do 20º, em 1971, e do 25º, em 1976, aniversários de Entre Rios, a Cooperativa Agrária publicou, respectivamente, os livros escritos por Elfes (1971) e Lichtenberger (1976). Além destes, a Cooperativa Agrária financiou a publicação de um livro ilustrado com pinturas e grafites, de autoria de Sebastian Leicht e Roland Vetter (1982). Para uma análise dos discursos que constroem uma identidade suábia danubiana em Entre Rios, ver Stein (2011).

desenhos monocromáticos)⁸, retratando a “população brasileira” que, segundo os autores, havia então superado em número os empregadores suábios. A maioria trabalhava no setor industrial da Cooperativa Agrária e também nas propriedades dos cooperados. Após descrever os casebres construídos por “brasileiros de cor”, denominados “caboclos”, os autores assim se referem aos seus costumes e forma de viver: “Eles não são interessados no progresso [...]. Mas eles também não devem ser considerados ‘atrasados’. Eles vivem a *sua* vida” (grifo dos autores) (LEICHT; VETTER, 1982, p. 63).

A menção à visita que os dois autores fizeram a uma destas famílias acentua, contudo, uma mudança em curso, se observada a segunda geração de brasileiros empregada pelos suábios do Danúbio. Enquanto os pais continuariam uma existência caracterizada pela “falta de objetivos” e por uma “timidez em relação ao trabalho”, as filhas que viviam desde meninas numa família de suábios e ali trabalhavam, procuravam por melhores possibilidades de existência. Para os autores, “onde os chamados caboclos permanecem entre si, é difícil uma ascensão social” (LEICHT; VETTER, 1982, p. 65). Assim como Kohlhepp, os autores citados advertem para a necessidade de uma “ajuda” a essas populações, ressaltando, nessa direção, a importância da construção da vila de operários e de uma escola para os filhos dos trabalhadores brasileiros pela cooperativa.

Assim como a maioria das publicações sobre Entre Rios, o museu histórico local também narra a história da localidade, sobretudo a partir da vinda dos imigrantes. No novo museu⁹, reinaugurado em janeiro de 2012, por

⁸ As imagens retratam “Casas de madeiras dos antigos brasileiros”, “Vaqueiros tomando chimarrão”, “Dois gaúchos”, “População nativa estabelecida”, “O vitorioso”- antigo fazendeiro brasileiro”. (LEICHT; VETTER, 1982)

⁹ O museu, também denominado *Heimatmuseum*, foi criado em 1971, por ocasião do 20º aniversário de Entre Rios. Em 1992, por ocasião dos 40 anos da colônia, o museu foi transferido para o antigo prédio administrativo da cooperativa e, em 2012, foi transferido para um prédio construído especialmente para abrigar seu acervo. Para mais informações, ver (STEIN, 2011; 2012).

ocasião dos festejos dos 60 anos da colônia, as imagens e objetos relacionados aos não suábios se referem somente ao período anterior à criação da localidade, como se pode verificar na imagem que segue.

Figura 1 - Imagem parcial da exposição “Objetos usados nas fazendas antes de 1951”



Fonte: Stein (2012).

Diante deste conjunto de narrativas bibliográficas e museográficas sobre Entre Rios, desenvolvemos durante os anos de 2012 e 2013 um projeto de pesquisa que visou investigar as memórias e relações cotidianas locais, com outras fontes, as orais, produzidas a partir da metodologia da história oral. Interessávamos investigar memórias e trajetórias de vida no interior de todo o distrito, não apenas de imigrantes e descendentes. Algumas perguntas nortearam a pesquisa, tais como: Que relações pessoais cotidianas e de trabalho foram construídas naquele universo? Como os habitantes não suábios, tanto os mais antigos, como os chegados posteriormente na colônia, conhecidos por “brasileiros” pelos

imigrantes, narram seu passado na colônia? Que memórias e identidades são construídas por meio das narrativas orais dos diferentes habitantes da colônia?

O projeto produziu um total de 24 entrevistas de história de vida. Para a realização dessas entrevistas, buscamos subsídios metodológicos em Von Plato (2009), historiador que propõe algumas fases na realização de entrevistas de história de vida. Num primeiro momento, damos liberdade a(o) entrevistado(a) para que narre sua história de vida. Em seguida, estabelecemos um diálogo visando esclarecer aspectos que surgem durante a narrativa e, por último, são feitas perguntas sobre questões relacionadas às sociabilidades entre os moradores do distrito, que porventura não foram abordadas durante a entrevista. Muito embora nem sempre a primeira fase da entrevista tenha se prolongado, a metodologia se mostrou muito relevante para se investigar como os entrevistados estruturavam suas histórias de vida.

Em relação ainda à produção das fontes orais, cabe também lembrar que, conforme Portelli (2010), a narração oral é produzida no encontro e no diálogo entre pesquisador e pesquisado. Não se trata, portanto, de “recolher” memórias, ou “coletar” entrevistas. O pesquisador deve provocar a narrativa e “literalmente, contribuir com a sua criação: por meio da sua presença, das suas perguntas, das suas reações” (PORTELLI, 2010, p. 22).

Considerando a quantidade de entrevistados e os limites destas páginas, neste artigo nos ateremos apenas à análise de narrativas orais de uma imigrante suábica e de três pessoas que já se encontravam na região no momento da chegada dos imigrantes ou que se fixaram no local para trabalhar na Cooperativa Agrária. Gostaríamos de enfatizar que na definição e análise das entrevistas escolhidas, não estabeleceremos *a priori* critérios étnicos de diferenciação, mas buscamos abordar aspectos da vida cotidiana da localidade, no sentido de perceber as relações estabelecidas em Entre Rios e as formas como são construídas identificações entre os moradores durante a entrevista.

Iniciaremos com a narrativa de Katharina Hech, de 86 anos de idade. Trata-se de uma entrevista com a duração de 2 h, produzida em sua residência, em Samambaia, Entre Rios. Embora tenha mais facilidade em se expressar em língua alemã, Katharina aceitou narrar em língua portuguesa.¹⁰ Logo após informar que nasceu na Iugoslávia, em 08 de janeiro de 1927, Katharina narra sobre os eventos relacionados à Segunda Guerra Mundial:

Meus pais eram agricultores. E nós tinha uma casa, tudo, bem bonita. E tava a vida [gostosa] numa vila, uma vila alemã. Dos suábios, não? E tava tudo bem até começar a guerra. O meu pai tinha que servir o exército. Chamaram ele porque a Iugoslávia foi tomada em 18 dias, não sei se o senhor sabe? Pelo exército alemão (HECH, 2012).¹¹

Na sequência, Katharina afirma que os russos tomaram a vila onde moravam e narra as violências infligidas aos suábios pelos partisanos, assim como o seu envio, juntamente com outros suábios, para campos de trabalho na Ucrânia. Sua narrativa, assim como as demais que serão abordadas mais adiante, é marcada pelo diálogo com o entrevistador, inclusive quando ela faz uma avaliação da forma como interpretava os acontecimentos da época:

Daí fomos num campo, ficamos oito dias. [...] De um lado tava os homens e alguns prisioneiros de guerra, e do outro lado tavam as mulheres. Não sei, mais ou menos, mas acho que uns setecentos, oitocentos mulheres. Depois, no começo, nós não tinha que vir no trabalho, depois eles fizeram, noite por noite, xingaram os alemão e diziam que nós tinha que agradecer que tão na Rússia. [...] O senhor vê como a gente era infantil e não pensa direito quando a gente é. Nós demo risada, nós pensemo, os soldados alemães vão tirá nós daqui. Não é possível o meu pai tá lutando pela Alemanha e deixa nós aqui na Rússia. Este era nossa ideia. Ingênua que a gente é né. E os soldados alemão tinha milhares de quilômetros longe, já tinha perdido a guerra. Isto foi ainda em quarenta e quatro, e quarenta e cinco terminou a guerra, e nós não sabiamo. Naquele tempo ainda tinha a guerra né (HECH, 2012).

¹⁰ Katharina Hech já havia sido duas vezes entrevistada por nós, em 2005, em língua portuguesa, e em 2010, em língua alemã.

¹¹ Em 1941, o governo iugoslavo aderiu ao Eixo, o que provocou um Golpe de Estado realizado por militares contrários à adesão. Isso provocou a invasão da Iugoslávia pelas tropas alemãs (BRENER, 1993).

Katharina apresenta detalhes sobre a vida nos campos de trabalho na Ucrânia, o sofrimento e os maus tratos a que ela e outros prisioneiros eram submetidos e a sua libertação, após contrair pneumonia, quando foi encaminhada para Berlin, Dresden e, por último, em Leipzig, onde trabalhou em uma propriedade rural. Aos escutar conversas de que seriam levadas para trabalhar em minas de urânio na Ucrânia, Katharina decidiu fugir para a Áustria, onde estavam seus pais.

O reencontro com os pais é narrado da seguinte maneira:

A minha mãe tava fazendo almoço, quando eu abri a porta caiu tudo que ela tinha na mão, de susto. Depois de quatro anos a gente se encontrou de novo. E por causa disto nós resolvemos que ia migrar pra Brasil, do medo que nós passamos, do comunismo sabe. Eles dizem, sabe, o comunismo é a salvação do mundo e não sei o que (HECH, 2012).

O reencontro ocorreu em 1947 e a imigração para o Brasil quatro anos depois, em 1951. No entanto, em sua narrativa, Katharina estabelece uma conexão entre as vivências nos dois espaços da seguinte maneira:

O pai já, daí alugamos aquele quarto que eu te falei né. Ficamos lá daí o pai trabalhou. Lá tinha um búlgaro que ele tinha plantação de verdura e o pai trabalhou lá. E ela também trabalhou lá. E eu depois que fiquei lá também trabalhei um tempo, depois eu fui me empregar em um restaurante para ajudar, ajudante de cozinha. E depois foi de novo pra outro lugar como ajudante de cozinha. Daí nós viemos pra Brasil. Daí fui de novo me empregar em Curitiba pra ajudar a montar o nosso sítio aqui. Daí fomos pra São Paulo pra trabalhar por Curitiba, ganhamos quatrocentos e em São Paulo ganhamos dois mil. Eu ganhei como cozinheira, ganhei dois mil. Apreendi muito a cozinhar da minha avó, da minha mãe, dos lugares onde eu foi no mundo inteiro. Aí fiquei cozinheira em São Paulo e ganhei dois mil assim ajudando. Mandamos dinheiro pra casa pro pai poder comprar cavalo e vaca e pagar... o que a gente precisava. Nós trouxemos fogão, uns par de enxada e uns rastel (...) da Áustria [rindo] e só. O resto tinha de comprar pra... os velhos também tinham de viver, por isso nós dois, meu irmão já era casado né, nós dois fumo trabalhar como empregada doméstica pra ajudar formar de novo uma vida (HECH, 2012).

Como se pode perceber, o trabalho é o centro de sua narrativa e o elo entre a Áustria e o Brasil. Outras atividades, interesses etc. estão ausentes nesta parte da narrativa. Outro aspecto é que a narrativa indica que Katharina não guardava ou gastava para si os recursos auferidos. Estes seriam aplicados para a melhoria da vida da família.

Katharina também falou sobre o processo de recrutamento dos imigrantes - que poderiam ter se dirigido para outros países - e de suas impressões ao chegar ao Brasil:

A Cruz Vermelha mandou, não sei como é que se diz, um representante nos campos de [refugiados]. Porque na Áustria tinha aqueles campos de barracos, não sei se o senhor sabe, não sei. E mandou... um fala pra outro e, como exatamente eu nem sei, mas tinha um que eles dizem, que cuidou do grupo, informando as pessoas assim da nossa gente. Daí: "você não querem se mudar pra Austrália? Você não querem ir pra Canadá? Você não querem ir pra França? A França procura trabalhadores. Você não querem ir pra Brasil?". Então nós tinha dois tios da América, sabe, sumidos. Daí o pai escreveu pra eles, aí eles vão levar nós pra Estados Unidos. Depois uma tia morreu e o tio - meu pai era muito pequeno ainda quando meu tio saiu da Iugoslávia para Estados Unidos. Nem se lembrava mais e daí de repente o tio nem escreveu mais nem nada, parece que a mulher dele ficou doente e não sei. A gente até hoje não sabe o que que foi. Daí veio aquela coisa pra Brasil. Eles pintaram as coisas com letras de ouro que tem no Brasil, o futuro que a gente tem no Brasil. Daí a gente deixou se convencer, mas se tivesse dinheiro no primeiro dia a gente já voltava pra Europa. A gente não sabe o que a gente encontrava, aqui no Brasil. Chegamo aqui e aquela... selva. E tem uma coisa, a gente, o meu... (...) na nossa terra e na Áustria também, meu... cultura assim, teatro, cinema, baile e tudo, que a gente jovem já faz, assim. E aqui? Tinha uma banda que tocava baile, mas... (HECH, 2012).

No início do fragmento, há a identificação dos refugiados como trabalhadores, ou seja, permanece o trabalho como fio condutor das ações humanas. Percebe-se também em suas palavras o sentimento de frustração ao chegarem ao Brasil, representado como um espaço que carece de ambiente cultural como o presente na Áustria e na Iugoslávia, o que a faz se afastar, por alguns instantes, do tema trabalho, central em sua narrativa.

Ao narrar sobre suas experiências no Brasil, Katharina novamente enfoca o trabalho que realizou em Entre Rios e depois como doméstica em Curitiba e São Paulo, pois “precisava muita coisa ainda e só ganhando fora a gente – porque os primeiros anos, o senhor decerto escutou já que não deu quase nada, não tinha, tava fraca as coisas” (HECH, 2012).

A tônica de sua narrativa, portanto, é a sua doação para a família. Katharina faz o seguinte balanço dessa dedicação: “Depois que eles tinha tudo, ficaram doente e não podiam mais trabalhar. Meu irmão foi pra Alemanha, o pai não quis mais, a mãe ficou também doente, fiquei eu sozinha. Depois arrendei as minhas terras. Assim está até hoje” (HECH, 2012).

Quando foi perguntado sobre sua cidadania, Katharina explicou que a sua cidadania iugoslava e também a de todos os suábios do Danúbio foi retirada ao final da Segunda Guerra Mundial. Em 1944, com a retirada das tropas alemãs da Iugoslávia em razão do avanço do Exército Vermelho, o governo do partisan comunista Tito havia privado os suábios do Danúbio dos seus direitos civis.¹² Ela interpreta esse acontecimento da seguinte maneira:

Tiraram a cidadania da Iugoslávia da gente pra ninguém poder – pra eles poder matar à vontade, pra ninguém poder reclamar. E depois eu fiquei um tempo, vieram – primeiro eu queria a cidadania alemã, porque o pai serviu à guerra e eu fiquei muitos anos na Rússia. E de lá um cara sem vergonha me perguntou: “com que direito que eu quero ser cidadã alemã?”. Eu perdi tudo que eu tinha na vida – e com que direito – pela Alemanha, e com que direito eu quero ser cidadão alemão? Daí eu fui [tempos depois] em São Paulo, aproveitei, fiz curso de corte e costura e me formei em mestre de corte e costura e queria registrar a minha profissão e tudo. Daí disseram que só quando eu for cidadão brasileiro. Aí eu fiz cidadania brasileira, sou até hoje e com muito orgulho (HECH, 2012).

Como se pode perceber, há também ressentimento em relação à Alemanha, pois embora seu pai tenha lutado durante a guerra em favor da

¹² Sobre a fuga dos suábios do Danúbio da Iugoslávia, ver F. Meyer (2005, p. 99-102).

Alemanha, e ela própria tenha sido considerada uma *Volksdeutsche*¹³ e, por isso, deportada, sua solicitação para a obtenção da cidadania alemã foi recusada depois. Se, ao final desse trecho, a cidadania brasileira é mencionada como um instrumento para o exercício da profissão, mais adiante é apresentada como um valor em si, algo necessário para a definição de um ser humano como pertencente a um determinado espaço/território: “Fiz cidadania brasileira – ah, a gente tem que ser alguém... [senão] você anda perambulando no mundo sem ser ninguém né” (HECH, 2012).

Esta afirmação nos lembra das reflexões de Giorgio Agamben sobre os refugiados de guerra. Com base na *Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão*, de 1789, que, como o próprio nome indica, concebia os direitos humanos a partir da noção de cidadania, o autor afirma que os direitos humanos se tornam desprovidos de “qualquer realidade no mesmo instante em que não seja possível configurá-los como direitos dos cidadãos de um Estado” (AGAMBEN, 2010, p. 123).

Acerca das pessoas que encontrou quando chegou em Entre Rios, Katharina menciona o nome de Eurico Siqueira, proprietário de uma das fazendas desapropriadas.

Quando eles vem medir as casas e trouxeram a madeira ele andou aqui. Não ameaçou as pessoas, mas parece que não queria que aqui seja a colônia né. E se acostumou, ele já tinha ganhado as terras dele, já tinha ganhado indenização do governo. E de repente não sei, ele fez amizade com nosso pai. Nosso pai fala romeno e o Érico fala o português, como que se entendem? Até hoje é um segredo, eu não sei [rindo], se entenderam. Daí ele vem sempre visitar o pai. Pegou tanta amizade – os filhos dele vinham nos bailes aqui na colônia e de por fim eles foram pras fazendas dele, não sei onde, parece que lá em Entre Rios lá atrás, chama-se um lugar Entre Rios lá atrás, meio longe daqui (HECH, 2012).

¹³ Termo utilizado para designar pessoas de etnia alemã. Cabe informar que os suábios do Danúbio apoiaram as tropas alemãs e lutaram contra as tropas russas e os *partisans*, guerrilheiros comandados pelo Marechal Josep Broz Tito. Sobre a participação de suábios em milícias que combateram os *partisans*, ver Casagrande (2003).

Ao ser perguntado sobre os habitantes da “vila dos brasileiros”, primeiramente Katharina cita o fato de ter uma empregada, identificada como trabalhadora, que é moradora daquele espaço. Em seguida, menciona que não tem muito contato com as pessoas daquele bairro, mas que lá haveria consumo de drogas e álcool e a ocorrência de assaltos.

Acerca das relações sociais entre moradores do referido bairro, Katharina afirmou que:

A gente, assim, direto, nós não vamo lá. Eles fazem festa lá, nosso pessoal vai. Mas nós como velho, nós não vamo. Eles fazem festa lá de e tudo que é coisa, nosso pessoal vai lá. [...] tem gente trabalhador, tem gente muito bom lá, tem gente boa. Eu tenho uma diarista de lá também, mas ela diz que toda noite tem tiroeio lá... Tem gente boa, mas tem gente ruim também. Tem gente que são aproveitadores. Sei que eles não tem lugar em... não acham lugar no mundo nenhum. Daí eles acham aqui a vida é mais fácil, mas aqui também tem que trabalhar pra viver (HECH, 2012).

Percebe-se, nesse fragmento, uma interpretação que não homogeneiza o outro e nem os suábios do Danúbio. No caso dos últimos, as diferenças estão associadas à idade. Em relação aos não suábios, as diferenças estão vinculadas ao fato destes serem ou não trabalhadores. As frases finais indicam uma identificação de Katharina em relação à condição de muitos moradores do bairro, pois estes, assim como ela, após terem sido libertados na Europa, também carecem de um lugar, de um espaço onde possam viver e usufruir da cidadania – a qual deve ser conquistada pelo trabalho, assim como ela a teria conquistado.

A segunda entrevista a ser analisada aqui, com a duração de 47 min, foi realizada com Iani de Oliveira Siqueira, em Vitória, então com 80 anos. Iani nasceu em Pinhão, município vizinho de Guarapuava, em 15 de março de 1932. Ela inicia sua narrativa falando de sua vinda, em 1950, após o casamento, para uma localidade próxima – Vila dos Machado – da área onde seria constituída a colônia Entre Rios, e sobre o parentesco de seu marido com a família Siqueira,

da qual alguns de seus membros eram proprietários das terras que foram desapropriadas para a constituição da colônia:

Casei com dezoito anos e daí no ano cinquenta eu vim pra cá, que o meu marido era daqui, né. Então nós viemos pra cá e daí ficamos – foi vendido o terreno, a minha sogra vendeu o terreno também pra Agrária, Maria Gonçalves Siqueira, e ela vendeu, o meu cunhado, tudo, eles venderam, né. E meu marido ficou aqui, Joaquim Siqueira Gonçalves, o nome dele. Daí nós pegamos, ficamos vinte e um anos lá na beira do mato, lá embaixo perto do rio, né. Nós ficamos morando lá e depois os alemão vieram, né. Quando os alemão vieram, daí venderam pros alemão tudo. Depois meu marido morreu. Quando ele morreu, eu peguei e me mudei aqui na Colônia, daí eu comecei a trabalhar. Primeiro eu trabalhava nos matos lá, né, trabalhava na roça, tudo, né, mas depois, quando ele morreu – eu vim pra cá, então vim morar aqui na Colônia [...]. Daí eu entrei no cinema ali no [João Remlinger], fiquei trabalhando dez anos ali, dez anos fiquei trabalhando ali. Daí fechou o cinema por causa do negócio de televisão, né. Daí eu passei no ginásio, trabalhei mais vinte ano no Ginásio Imperatriz Dona Leopoldina. Fiquei vinte anos ali, então quando eu tava com sessenta ano, daí eu me aposentei ali... (SIQUEIRA, 2012).

Neste trecho, Iani resume sua vida desde o casamento até a aposentadoria. Ela enfatiza o trabalho anterior realizado na roça, em terras arrendadas localizadas nas proximidades da colônia Entre Rios e, depois de sua viuvez aos 39 anos, em Entre Rios, onde trabalhou como doméstica e como zeladora no colégio imperatriz dona Leopoldina:

mas não foi fácil a minha vida de criar as crianças tudo, né, tinha duas menina, tinha duas filha casada, mas tinha duas menininha pequena, uma com cinco ano, outra com seis e o menino com um ano e dez meses... Não foi fácil a minha vida de viver, deixar a minha terra no Pinhão e vim pra cá e daí a gente ficar sem nada, né, e ter de construir de novo, trabalhando, né, e vivendo só a vida. Porque antigamente não era mais fácil, a vida, era mais custoso, hoje é mais fácil a vida, de tudo que é coisa, a gente pega dinheiro de aposentadoria, pega de serviço, coisa que antigamente não tinha esses dinheiro que a gente pega. Mas só que a gente não tem paz, a paz acabou-se na face da Terra, em toda parte, seja onde for, não existe. Eu sou uma mulher evangélica, conheço muito bem a situação como é que é a vida hoje em dia, é muito sem paz, a Terra, por todos os lugares. Daí eu criei também uma moça que era filha da filha minha que tava doente. Ela casou, mora em Curitiba, trabalha lá, também,

Marilene, e criei esse rapaz também, esse que tá fazendo – ele estuda de noite e trabalha no escritório ali em baixo. Aqui na Colônia foi muito duro, a vida aqui que os alemão, quando vieram aqui, eles não conheciam nada também. Eles não sabiam falar em português, nada, né. Não é como é hoje em dia, todo mundo sabe, né (SIQUEIRA, 2012).

Dona Iani representa o deslocamento para Entre Rios como um novo começo, um tempo difícil marcado por trabalho e dificuldades. Por meio de uma perspectiva religiosa, ela dá sentido ao passado e ao presente, ressaltando as facilidades advindas com a conquista do direito à aposentadoria após uma vida de trabalho na colônia. Ao narrar sobre sua história de vida e a criação de seus familiares, subitamente associa as dificuldades vividas por ela própria com as vividas pelos imigrantes, pois também eles teriam tido uma vida dura e tido que começar de novo. Neste aspecto, dona Iani se identifica com os “alemão”, como ela se refere, por meio do trabalho e da superação das dificuldades.

Interessante observar como nesta narrativa oral os imigrantes são identificados como “alemães” e não como “suábios do Danúbio”. Ao serem interpelados pelos entrevistadores sobre suas relações com aqueles, outros entrevistados inclusive não reconheceram de imediato de quem se estava falando. Assim, as entrevistas puderam evidenciar como aquele termo, que distingue os suábios do Danúbio de outras populações de origem alemã, não foi apropriado pelas populações não imigrantes em Entre Rios. Ao invés dele, no contexto de relações interétnicas cotidianas estabelecidas na colônia, surgiu outra identificação, não hifenizada, a de “alemão”, baseada no critério mais aparente, a língua. Isso se percebe também no trecho da entrevista de dona Iani, quando ela ressalta o fato de os imigrantes sequer conhecerem a língua portuguesa quando chegaram em Entre Rios.

Muito embora em sua narrativa oral a diferença (nós e os alemães) não seja diluída, pois continua a se referir aos “alemães”, percebe-se um compartilhamento de sentidos em relação ao passado de ocupação da localidade. Dona Iani se insere na história de lutas e conquistas contada pelos

imigrantes, muito presente na esfera pública da colônia. Menos que marcar diferenças étnicas, ela ressalta diferenças entre o momento presente e “antigamente”, quando a vida era mais difícil e não “tinha esses direitos”, referindo-se à aposentadoria. Vejamos os dois trechos abaixo:

Marcos: Sobre a sua infância, como que foi a sua infância?

Iani: A minha infância foi boa por causa que a minha mãe. Era uma mulher que tinha bastante terreno nos faxinal, tinha bastante gado, fazia queijo pra vender, nós fazia roça num terreno grande que nós tinha, né, e nós fazia roça assim no mato, né, minha mãe engordava bastante porco e antigamente eles criavam porco assim solto, né, não é assim como hoje em dia que tem que fechar tudo, né, antigamente não. Antigamente a gente criava vinte, trinta porco solto, assim, pro mundo e antigamente a minha vida era muito boa, só que a vida de casado depois não foi boa (SIQUEIRA, 2012).

Iani: Foi muito triste a minha vida, daí a gente tá vivendo por aqui, porque a gente tem muita força e muita fé em Deus. Por causa que o meu marido foi muito bagunceiro, muito bagunceiro, ele lidava só com bagunça. Nós ficava pros mato com essa Iolanda e a outra nós plantava oito ou nove alqueire de roça, só na cavadeira, sabe, antigamente era roçado e daí plantado. Deu muito serviço, a vida da gente. Hoje a gente já tá com oitenta e um ano, né, mas agora tá mais feliz, não tá muito por causa que a gente já tá velho e doente, né, não é mais aquilo, mas aqui na colônia, esses alemão, eu vi como é que é que eles chegaram aqui, cada um com uma mala na mão. [...] Foi feito quatro barracão ali de lâmina e eles comiam junto, os alemão comiam tudo junto naquele barracão. Os barracão de fazer comida, outros de cama, outros de tomar banho, e assim era. Eles também não tinham nada, não era fácil a vida dos alemão. Esses, os velho, que já morreram, trabalharam muito, agora esses novo não... (SIQUEIRA, 2012).

Dona Iani marca o período anterior e posterior ao casamento, ou seja, a vida antes no faxinal junto com a mãe e a família, e a vida difícil de casada depois, em razão do comportamento do marido. Ao fazer um balanço de sua vida, com quase 81 anos, ela se refere aos primeiros tempos na colônia e, novamente, positiva os “alemães” por terem trabalhado muito. Mas assinala uma diferença entre as gerações, mais uma vez utilizando o trabalho como parâmetro.

Outro elemento presente em sua fala é a avaliação acerca do passado vivido na época dos fazendeiros e após a formação da colônia Entre Rios:

mas foi bão vender, porque os fazendeiro eram muito miseráveis. Sabe, eles tinham muito camarada e não davam apoio pra ninguém e agora, depois que os alemão vieram aí, não tem brasileiro que não tenha uma casa boa, um terreno né. Os empregado, tá certo trabalham bastante né, mas tudo que é brasileiro tem carro, tem casa, tem tudo né. E quando era o tempo dos alemão – dos fazendeiros - não tinha nada não, eles eram muito miseráveis nem pagavam os empregado (SIQUEIRA, 2012).

Com ênfase, a questão do direito à aposentadoria, somado à menção aos bens adquiridos ao longo da vida, aparece na narrativa, desta vez para marcar uma diferença entre os fazendeiros antes da instalação da colônia e os “alemães”. Na época dos primeiros, não haveria cidadania, simbolizada pelo pagamento de salários e a obtenção de direitos sociais. Teria assim havido o tempo dos fazendeiros – “muito miseráveis”, “que não davam apoio pra ninguém” - e o tempo dos “alemão”, quando começaram a adquirir bens e a ter direitos. Sua fala é a de uma empregada falando dos patrões, ora num, ora noutro tempo. Assim, a colônia é representada como espaço de superação das dificuldades e do fazer de uma nova vida, recompensada pelo trabalho.

Como se percebe, dona Iani, assim como os suábios do Danúbio, identifica os não suábios de “brasileiros”, inserindo-se nessa categoria, mas aponta diferenças socioeconômicas e de poder entre eles, ao se referir às relações dos agregados com os fazendeiros.

Dona Iani rememora o trabalho comunitário das mulheres e dos homens imigrantes, inclusive os mais velhos, nos primeiros anos da colônia, observando algumas práticas e costumes que, para ela, eram novidades. Mais uma vez sublinha o fato deles não terem nada quando chegaram e trabalhado muito:

É, quando eles vieram, eles fizeram aqueles barracão. Eles comiam tudo junto; as velha puxavam água lá daquele rio perto do cemitério, assim naqueles pau né, com aqueles balde. [...] Não era fácil a vida deles, e não tinham nada. Eles fizeram porque trabalharam muito e eles comiam tudo reunido depois é que eles se apartaram cada um foi pra sua casinha NE (SIQUEIRA, 2012).

Ao ser perguntado sobre o trabalho e a convivência com os imigrantes e descendentes, dona Iani fala das relações pessoais mantidas até hoje com a família do ex-patrão:

A minha convivência com os alemão foram muito boa demais, até hoje eu sou muito privilegiada deles, de tudo, por causa que ontem tinha um velório, eu trabalhei com essa gente também, até fui ontem lá naquele velório do rapaz que tinha morrido, tava com sessenta e quatro ano, deu infarto nele, daí fui até no Boa Esperança, mas a gente se deu muito bem com eles (SIQUEIRA, 2012).

Quando narra sobre a sua viuvez, dona Iani novamente cruza a sua história de vida com a dos “alemão”, como se refere :

Iani: (...) eu tava com trinta e nove ano quando viuvei.

Marcos: Ficou viúva?

Iani: Sim, eu pensei assim, vou trabalhar pra viver, [não queria] saber de marido pra atentar, porque quando a pessoa tá no fundo do poço e sai, não é possível voltar de novo, né, tem que... Mas eu tive muita sorte. Os alemão me apoiaram muito, demais, muito, demais. E tem um homem que agora, esse João Remlinger, né, ele que tinha o cinema, que daí até ele vendeu pra Agrária, o cinema ali, porque entrou negócio de de televisão. Daí não tinha mais, né, não tinha mais o que fazer.[...] Daí ainda agora deu derrame nele, tá de cadeira de roda, mas eu sempre vou visitar ele lá, porque a gente deve obrigação, né. Antigamente não fichavam mulher, nada, né e eu fui a primeira mulher que me ficharam ali, quando vim lá do mato, fui eu... Porque eu fui muito honesta nos meus serviço pra cuidar das casa e de tudo que é coisa. Então, a gente, a pessoa honesta ganha muita coisa, com honestidade a pessoa ganha (SIQUEIRA, 2012).

Continuar a visitar o ex-patrão, na velhice e na doença, seria uma “obrigação”, segundo dona Iani, pelo fato de ter tido a carteira assinada e,

assim, garantido o direito à aposentadoria. Mesmo sendo estes direitos do trabalhador, dona Iani julga necessário justificar, por meio do atributo honestidade, porque ela teria sido “fichada”, assim como seu filho e seu genro: “O meu filho teve muita sorte pegou muito serviço bão aí esse meu genro aí se aposentou na Cooperativa também trabalhou trinta e cinco ano naqueles silo. Ele trabalhou trinta e cinco ano e se aposentou ali” (SIQUEIRA, 2012).

Também para o casal João e Ana dos Santos, entrevistados durante 1 h em sua residência, na vila Vitória, o contato com os imigrantes teria proporcionado melhoria nas condições de vida e trabalho. Semelhante às outras duas narrativas orais, a fala do casal situa sua trajetória a partir do trabalho, inclusive durante a infância. João Santos nasceu em Guarapuava em 19 de maio de 1939 e Ana Ferreira dos Santos em 19 de julho de 1942, também em Guarapuava. Quase a totalidade da entrevista foi concedida pelo seu João, que começou a trabalhar como empregado em uma propriedade de suábios do Danúbio por volta dos 13 anos de idade, nas plantações de arroz. Muito embora não tenha sido possível produzir uma história de vida conforme os pressupostos metodológicos do projeto explicitados anteriormente, pela presença da esposa durante a entrevista, a narrativa oral produzida traz ricos elementos para refletir a problemática deste artigo.

Seu João narra sobre a vinda dos suábios do Danúbio e a motivação para se mudar para a colônia:

Nós fiquemo sabendo, porque quando eu estava na escola [...], nós tava no lado da estrada de ferro era a aula, e daí nós via os alemão passar nos trem, eles vieram tudo de trem, vinha trator, caminhão velho, bugigangarada, a mudança deles tudo. Daí quando a gente morava aqui em baixo, no Jordão, lá do Jordão nós escutava o barulho aqui da colônia do ronco do trator, e a gente, piizada [falava]: “vamos lá pras colônia, vamos ver que tipo de trator é esse.” (...) Daí vim eu e dois primos meus, fiquemos trabalhando, carpindo arroz por dia, eles pagavam por dia. (...) Saía daquele [emprego], era só cruzar a rua já achava outro serviço (SANTOS, 2012).

O entrevistado, que se aposentou trabalhando na agricultura na colônia, narra sobre a curiosidade em conhecer o trabalho mecanizado desenvolvido na terra e que ela teria sido motivadora do seu deslocamento para a colônia. Esta e outras entrevistas realizadas para o projeto dão conta do emprego de diaristas entre a população local pelos imigrantes para ajudarem na lida com a terra.

Incitado pelo entrevistador, seu João ainda narra como aprendeu do patrão a lidar com máquina colheitadeira, um trabalho especializado do qual demonstra certo orgulho de ter exercido:

Pra aprender o patrão, o dono do maquinário ponia a gente do lado dele, assim, e ele ia dirigindo. Ele ia colhendo e a gente ia olhando e ele falava: "aqui é tal marcha, assim, pra cá, é uma coisa aqui é outra" que ali tem que saber a altura e ver o tipo do chão né, porque senão você pega terra. Então você tem que estar com uma mão no volante e outra mão tem uma alavanca pra você controlar ali, o que eles dizem a plataforma, né, pra colher. Conforme o chão tem que soltar lá pra baixo, se for muito alto, tem que abaixar ou baixou tem que erguer pra não pegar a terra, né, e ali foi que aprendeu, né. O mais difícil é controlar a altura, sabe, pra não pegar terra, essas coisas, mas vai aprendendo tudo (SANTOS, 2012).

A colônia como um lugar que propiciou a oferta de empregos para as populações das redondezas reaparece noutro trecho da entrevista, na qual seu João, incitado pela esposa, ainda traça um diferencial entre a geração mais velha e a mais nova entre os moradores do bairro:

Marcos: E a vizinhança aqui? O bairro foi aumentando, foram chegando pessoas? Como que era o convívio com a vizinhança de onde que vinham os vizinhos?

João: Algum vinha assim do interior também, que às vezes trabalhavam assim nos matos, nas serrarias, e daí aquela firma parava, daí saía tudo aqueles pessoal, né. Daí eles vinham se encostando tudo aqui na Colônia, arrumavam serviço aqui, viçavam por aí... É tudo gentarada, tudo pessoa boa, como diz o ditado, né?

Ana: Boa de vida, né?

João: Os mais velho, agora os mais novo já tem aquela folia de maconha e pedra, mas a polícia está tendo que dar umas batida aí e dar umas caceteria boa neles aí, né, mas de primeiro não tinha (SANTOS, 2012).

Dona Ana também mencionou na entrevista que seu marido aprendeu a falar a língua alemã. Sobre o processo de aprendizagem desta língua, assim narra seu João:

João: De olhar eles falarem assim entre eles mesmo, né, alguma coisa: “me dá uma enxada”, “uma foice”, daí falavam pra um, falavam pro outro, né. Daí a gente ficava anotando o quê que era aquela coisa, né, então a gente foi pegando o jeito também e aprendeu um pouco, né.

Ana: Imagine se agora, né, os alemão passam, se falar, eles falam em alemão.

João: A gente esquece também e a turma, algum dizia: “o fulano de tal, preto, e falando alemão!”. Eu, né, aí, ficava chateado (SANTOS, 2012).

No comentário de dona Ana há uma identificação entre eles e os suábios em relação ao aprendizado das línguas. Chama a atenção, na parte final do fragmento, a expressão de descontentamento do seu João em relação a um comentário desaprovador de um dos trabalhadores não suábios, pelo fato dele se expressar em língua alemã.

Ao final, João enfatiza novamente o fato de ter se aposentado e conseguido poupar dinheiro, o que possibilitou construir a casa própria.

João: Depois que eu saí do alemão lá nós fizemos, eu me aposentei né eu me aposentei. Daí eu tinha a aposentadoria e o aluguel de uma casinha que eu tinha e o pagamento do mês. Então me sobrava um pouquinho e ali eu ponhava no banco, o pouquinho eu ponhava no banco. Daí quando eu saí dele daí nós fizemos um acordo com eles lá né. Daí deu pra construir fazer mais ou menos, não ficou bom, mas como diz o ditado deu pra fazer uma casinha (SANTOS, 2012).

Considerações finais

Nas entrevistas produzidas com suábios do Danúbio mais velhos, embora fosse solicitado que contassem suas histórias de vida, a ênfase é a história do grupo e não a trajetória individual. Na maioria das vezes, os não suábios somente são mencionados quando os entrevistadores solicitavam que

falassem sobre eles. Para os suábios do Danúbio, a colônia é o lugar da construção do novo lar e, para muitos, é no Brasil que obtiveram novamente a cidadania.

Os não suábios, por sua vez, narram suas trajetórias de vida como indivíduos, estabelecendo sua ligação e identificando-se com os suábios por meio do trabalho. Entre Rios, para eles, é o lugar da prosperidade econômica e da obtenção de direitos como cidadãos brasileiros, em especial a aposentadoria e a casa própria. Em suas narrativas orais, suas histórias de vida são construídas a partir de seu encontro e convívio com os suábios do Danúbio. Foram vidas entrelaçadas pelo cotidiano de trabalho. As fontes produzidas por meio da história oral ainda permitiram apreender como esses moradores não suábios mais velhos procuram também se inserir numa narrativa histórica que associa Entre Rios a um lugar de conquistas.

Nas narrativas orais dos não suábios apresentadas neste artigo, assim como em outras produzidas durante a pesquisa, a diferenciação étnica (“brasileiros”, “alemães”), muito embora esteja presente – e de forma a não coincidir com as identificações produzidas pela literatura, como vimos –, é menos aparente que a expressão de um compartilhamento de valores. A valorização de uma vida construída por meio do trabalho é elemento estruturante de suas histórias de vida. Ou seja, ao invés de desencontro ou segregação, as fontes orais falam de encontro e convívio. Se as diferenças econômicas – bem visíveis quando o visitante da localidade observa as residências de muitos suábios e as da vila dos “brasileiros” – não são explicitadas nas narrativas, as posições sociais – no caso, de empregados – são visíveis na forma como narram suas relações.

A maior diferença marcada nas narrativas orais de “brasileiros” mais idosos não é a étnica, mas a geracional, por meio do elemento trabalho, tanto quando se referiam aos descendentes dos imigrantes quanto aos moradores do

seu bairro.¹⁴ Assim sendo, gostaríamos de afirmar que tomar *a priori* conceitos como segregação, etnicidade, embora sejam importantes para a análise social, pode tornar opacos aspectos importantes relacionados, por exemplo, às sociabilidades, valores, experiências e interpretações sobre si e sobre os outros, pois trata-se de um espaço de práticas humanas, um lugar de movimentos e deslocamentos embasados por escolhas possíveis na busca da sobrevivência e/ou de uma vida melhor.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer*. O poder soberano e a vida nua. 2a. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- BRENER, Jaime. *Tragédia na Iugoslávia*. Guerra e Nacionalismo no Leste Europeu. São Paulo: Atual, 1993.
- CASAGRANDE, Thomas. *Die Volksdeutschen SS-Division "Prinz Eugen: die Banater Schwaben und die National-Sozialistischen Kriegsverbrechen*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2003.
- ELFES, Albert. *Suábios no Paraná*. Curitiba: [s.n.], 1971.
- FRÖSCH, Max. *Guarapuava*. Die Donauschwäbische Flüchtlingssiedlung in Brasilien. Freilassing: Pannonia Verlag, 1958.
- FUGMANN, Wilhelm. Die Donauschwaben. In: *Almanaque Wille Kalender*. Blumenau: Editor Otto Wille, 1958.
- HECH, Katharina. *Entrevista realizada por Marcos Nestor Stein*. Samambaia, Entre Rios, Guarapuava, 24 mar. 2012.
- HOCHGATTERER, Anton. *Entre Rios*. Donauschwäbische Siedlung in Südbrasilien. Salzburg: s/ed., 1986.
- KOHLHEPP, Gerd. Espaço e Etnia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p.109-142, 1991.
- LEICHT, Sebastian; VETTER, Roland. *Donauschwaben in Brasilien*. Passau: Verlag Passavia Passau, 1982.

¹⁴ A pesquisa produziu também entrevistas com membros de gerações mais novas, as quais serão objeto de análise em um futuro texto.

LICHTENBERGER, Jakob. *Entre Rios: Documentário ilustrado da colonização suábica danubiana / Bilderbericht einer donauschwäbischen Siedlung in Brasilien*. Campinas: Cartgraf, 1976.

MARTINS, Sebastião Meira. *Pioneiros do Vale do Entre Rios (1818-1951)*. Guarapuava: Esquema Edições e Artes Gráficas, 1992.

MEYER, F. Hohn für die Opfer. In: AUST, S.; BURGDORFF, S. (Ed.). *Die Flucht. Über die Vertreibung der Deutschen aus dem Osten*. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2005, p. 99-102.

OLIVEIRA, Antonio Lustosa. Morador nativo sofre impacto da colonização. *Jornal de Entre Rios*, Guarapuava, n. 84, p. 22, 30 abr. 1991.

OLIVEIRA, Antonio Lustosa de. *Na Tribuna Parlamentar (1951-1953)*. Guarapuava: Gráfica Guairacá, 1954.

PLATO, Alexander von. Interview Guidelines. *Oral History Forum d'Histoire Orale*, Winnipeg, n. 29, 2009.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Edunesp, 1998.

SANTOS, João M.; SANTOS, Ana F. *Entrevista realizada por Beatriz Anselmo Olinto e Marcos Nestor Stein*. Vitória, Entre Rios, Guarapuava, 06 dez. 2012.

SCHERER, Anton. Seit 42 Jahren heißen wir Donauschwaben. In: *Volkskalender 1964*. Ein Jahrbuch des Gesamten Donauschwabentums. Ulm: Kultur und Sozialwerk der Donauschwaben. 1964.

SIQUEIRA, Iani de Oliveira. *Entrevista realizada por Marcos Nestor Stein*. Vitória, Entre Rios, Guarapuava, 07 dez. 2012.

STEIN, Marcos Nestor. A Colônia Entre Rios no Município de Guarapuava. In: VITECK, Harto. *Imigração Alemã no Paraná*. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2012, p. 311-342.

STEIN, Marcos Nestor. *O Oitavo Dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX)*. Guarapuava: Unicentro, 2011.

